

## **TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO NOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS A PARTIR DA EXPOSIÇÃO *O ENCANTADO*, DE ATTILIO COLNAGO**

David Ruiz Torres / Universidade Federal do Espírito Santo  
José Cirillo / Universidade Federal do Espírito Santo

### **RESUMO**

As mediações tecnológicas nos espaços expográficos permitem completar a narrativa da obra de arte, ampliando os conteúdos que pertencem à memória cultural do artista, estabelecendo um espaço de exposição infinito através do médio digital, perpetuando assim a mensagem intrínseca e comunicadora da arte, e ampliando o papel mediador da arte na cultura. Questões que parecem afetar aos novos procedimentos de mediação nos projetos educativos de museus, galerias e outros espaços expositivos. A mostra *O Encantado*, do artista capixaba Attilio Colnago, foi o cenário de validação para uma experiência de mediação com telas interativas e QR codes, como ferramentas de diálogo entre o artista, a obra e o público.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Mediação; arte; processo criativo; tecnologias da informação e da comunicação; QR code.

### **RESUMEN**

Las mediaciones tecnológicas en los espacios expográficos han permitido completar las narrativas de la obra de arte, ampliando los contenidos que pertenecen a la memoria cultural del artista, estableciendo un espacio de exposición infinito a través del medio digital, perpetuando así el mensaje intrínseco e comunicador del arte, y ampliando el papel mediador del arte en la cultura. Cuestiones éstas, que tienen que ver con los nuevos procedimientos de mediación en los proyectos educativos de museos, galerías y otros espacios expositivos. La muestra *O Encantado*, del artista capixaba Attilio Colnago, fue el escenario de validación para un ensayo de mediación con pantallas interactivas y códigos QR, como herramientas de diálogo entre el artista, la obra, y el público.

### **PALABRAS CLAVE**

Mediación; arte; proceso creativo; tecnologías de la información y la comunicación; códigos QR.

*O texto visto, o texto lido são coisas totalmente distintas, pois a atenção dada a um exclui a atenção dada ao outro.*

Paul Valéry

### **Introdução: intencionalidade comunicativa no projeto poético do artista**

Quando se entra em um museu, ou qualquer outro espaço expositivo, quase sempre, os sentidos são tomados pelas relações estabelecidas entre a percepção sensível das obras e as obras. Entretanto, ao nos afastarmos desse espaço, as obras e as sensações ficam apenas como registros na memória. Experiências do corpo que se tornam marcas na mente. Pode-se pensar que a relação dialógica obra x sujeito passa a operar como lembrança, estabelecendo, possivelmente, numa outra relação, sujeito x mundo sensível, ensaios de vivências que podem nortear outras relações sensíveis com outros objetos sensíveis. Assim pensados, numa relação dialogada, pode-se inferir que a experiência sensível pode ser operada pela mente e estabelecer novas mediações entre o sujeito e o mundo.

Ora, assim pode-se extrair que há uma manifestação comunicativa na arte e na relação dos diferentes sujeitos com ela. Assim, como uma manifestação humana, a arte é eminentemente comunicacional, pois ela já se estabelece como tal numa expectativa de mediação com outros sujeitos, constituindo-se como linguagem, o que para Julia Kristeva (1999) diz de demarcação, significação e comunicação. Neste sentido, todas as práticas artísticas que envolvem a obra, ou o processo da obra do artista, são tipos de linguagem visto que têm a função de demarcar, significar e comunicar buscando materializar como obra, um pensamento, ou uma imagem geradora que serão fundamentais para a edificação da obra e para a construção das relações processuais que darão forma ao processo criativo do artista, assim como aos efeitos de sentido desta obra no público. Fala-se de mediação como comunicação.

Essa funcionalidade comunicacional tem sido tomada pelos espaços expositivos, os quais tem feito uso das ferramentas tecnológicas como um meio de circulação e mediação para interatuar com os artistas e o público, possibilitando uma percepção da e sobre a obra totalmente diferente e, certamente, possibilitando relações interativas para além unicamente da presença física da obra. Evidencia-se uma

outra forma de relacionar-se sensivelmente com o objeto artístico, assim como com as grandes coleções dos grandes museus mundiais. A presença física tem sido aprimorada e ampliada a partir de outras formas de mediação, entre elas aquelas de origem digital e ocupantes do ciberespaço.

De igual forma que outros âmbitos da nossa sociedade contemporânea, a maneira na qual o público se aproxima da obra de arte também sofreu uma mudança, se submergindo nas redes do ciberespaço, e onde o conhecimento e difusão da mesma - sem esquecer a própria prática artística na chamada arte das novas mídias -, estarão mediados pela inclusão de algum *gadget* de última geração. Como bem as denomina Pierre Lévy, as "tecnologias da memória" nos possibilitaram o acesso a um grande arquivo no qual se reúnem e se interligam todos os saberes da cultura.

Essa lógica de tecnologias da memória não são particularidades da Era Digital, pois o que vemos são o aprimoramento de tecnologias que funcionam como extensões da mente criadora, ou da mente de quem interage com as obras. No caso dos artistas em seu processo criativo, os documentos do processo de criação (rascunhos, cadernos de anotações, coleções, etc.) caracterizam-se como sistemas de memória exteriorizados. Pode-se mesmo pensar que a interação desses sistemas externos à mente criadora evidenciam uma tendência comunicativa (em nível intrapessoal) no processo de criação que, em tempos de redes, podemos pensar que ampliam-se para além dos diálogos do artista consigo mesmo, e apontam para um nível de interação sistêmico. Assim, parece fato que os documentos do processo do artista revelam mediações, citações que dialogam para além do artista em si, dele consigo ou com o público imediatamente atingido por sua obra.

Neste texto, busca-se refletir sobre o conceito de redes dialogadas de mediação entre artista, obra e público. Para tal, toma-se como índice uma mostra expositiva realizada em 2014, no Palácio Anchieta, em Vitória (ES). Essa mostra intitulada "O Encantado", do artista Atílio Colnago, fala com e da cultura visual da humanidade na medida que o projeto poético desse artista é repleto de citações e apropriações do discurso poético ou de formas de grandes mestres da História da Arte. *Mas como? Como os seus estudos e projetos deste artista podem revelar uma intencionalidade comunicativa de seu projeto poético e como essas relações podem*

*ser apropriadas pelos procedimentos de mediação em projetos educativos em espaços expositivos?*

Põe-se aqui uma questão sobre a arte e sua natureza dialógica, a qual pode e deve ser apropriada nos processo de mediação da obra, seu projeto e o público nos espaços expositivos – entendidos aqui também em seu campo expandido das experimentações mediadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Nessa perspectiva mediadora das TIC's, considera-se: a) a *comunicação* como a transmissão de informações; b) que toda comunicação humana começa no corpo; e que c) a arte constitui-se como linguagem de natureza dialógica.

Essa interação está marcada nos documentos de processo de artistas (estudo dos cadernos e arquivos revelam a dimensão transcultural e transtemporal dessas mediações), mas também deve ser tomada como referência nos processos de mediação com o público. De um lado, os documentos do processo de artista (neste caso, os rascunhos de Attilio Colnago) são um conjunto de combinatórias de signos visuais que, embora não se prendendo a leis previamente estabelecidas, vai se estruturar como linguagem estabelecida no binômio linguagem-desenho. Assim, esses desenhos, maquetes, esboços (etc.) se põem como parte da materialização e expressão do pensamento criador em ato (o qual pode ser compartilhado nos processos de mediação educativa nos espaços expositivos por meio de TIC's) . Daqui se pode perceber que a linguagem que se materializa nos desenhos e objetos presentes nos documentos do processo evidenciam o funcionamento da mente criadora no diálogo que esta estabelece consigo mesma, com seu público e, principalmente com sua cultura, a qual estará em franco diálogo com a cultura de quem percebe e interage com a obra, garantindo assim uma interatividade entre os sentidos impressos na obra e aqueles que emanam dos sujeitos e dos diferentes modos de recepção e mediação nas práticas educativas de museus e outros espaços de exibição de obras.

Pensar formas contemporâneas de mediação para espaços expositivos foi o que motivou a curadoria dos espaços de memória na mostra do artista Attilio Colnago (2014). A exposição, "*O encantado*" *Desenhos, pinturas e objetos Attilio Colnago*", celebrada em Vitória (ES), serviu como cenário para o uso experimental de modos

ampliados de mediação e acesso à particularidades da mostra, ou dos processos do artista. Optou-se por disponibilizar os estudos do artista em dois modos distintos: o tradicional, em um fac-símile dos seus estudos e cadernos; e também em cadernos virtuais em telas de led que podiam ser acionados ao toque na tela (figs. 1 e 2).



Fac-símile dos estudos e cadernos do artista na sala de exposição  
Foto: David Ruiz

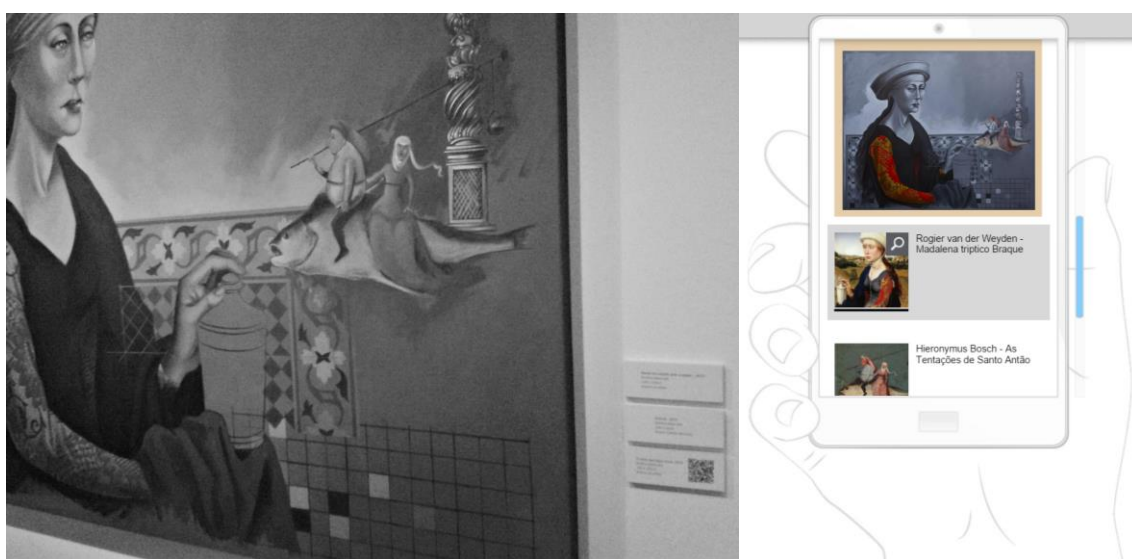


Sala de Memória – telas led interativas com cadernos digitais do artista  
Foto: David Ruiz

Porém, o projeto curatorial dessa mostra entendeu que poderíamos experimentar na cidade de Vitória outros modos de interação e mediação, já utilizados em museus



europeus, por exemplo. Tomou-se o conceito dos QR codes<sup>1</sup> como mediadores da recepção da obra, buscando revelar aspectos do processo criativo do artista, assim como os referentes que participam na consecução do trabalho final, através das imbricações com o meio virtual, que torna-se em referente e custódia da memória do artista para a sociedade presente (fig. 3), evidenciando um caminho dialogado entre a cultura do artista e a dos sujeitos que acessavam a mostra e o que se punha a partir dela no ciberespaço.



Uso de QR code na sala de exposição e informações que são mostradas na tela do celular  
Foto: David Ruiz

Observa-se que mesma forma com que o artista constitui o seu trabalho abraçando diferentes expressões artísticas, a forma na que ela é transmitida, deve considerar o presente do seu público e a potencialidade para comunicar a linguagem estudada e realizada pelo artista; sendo este um fato que pode ser dialogado em diferentes cenários corpóreos ou incorpóreos através do meio digital, potencializando a questão comunicativa da obra do artista e ampliando o campo de ação dos espaços expositivos, que pode possibilitar ao público experiências temporais ampliadas: presente e passado mediando a obra e sua recepção de forma dialogada.

No caso específico de Colnago, no seu diálogo estético, não podemos deixar de considerar a presença que têm as referências aos grandes mestres da história da

arte, que o artista retoma para elaborar e comunicar uma nova mensagem em nosso presente:

[...] fundamenta o seu fazer artístico no Renascimento, no Barroco e na arte moderna, com os desdobramentos que esta última lhe permite experimentar e desenvolver na contemporaneidade e que estão ao seu alcance no desenho, nas pinturas e nos objetos. (PESSOTI, 2010, p. 24)

Mas, na complexidade do processo criativo de sua obra e sua transcendência, também encontramos outras referências que fazem parte da memória pessoal e vivencial do artista, levando a outros desdobramentos na interpretação e discussão de sua *praxis* criativa. Assim, a partir da labor do processo criativo, no qual o artista se apropria de elementos pertencentes a memória cultural e pessoal para desenvolver sua poesia artística, encontramos a obra de arte em sua última fase, aquela que procura comunicar a mensagem e se mostrar ante um público contemporâneo. A sala de exposição, torna-se não só no local para a fruição da arte, senão que está configurado como um espaço de encontro entre os atores envolvidos na comunicação da arte.

Assim, estabelece-se aqui uma estratégia propositiva de mediação na qual o espaço expositivo (museus) tenta criar uma relação de pertencimento entre a obra, o artista e o público por meio de um procedimento midiático pautado numa TIC. Pretende-se, então, compreender como estratégias comunicativas evidenciadas nos documentos do processo de criação do artista, podem ser transpostas para o espaço expositivo de modo a revelar aspectos do diálogo interno do artista consigo mesmo – e, claro, deste com o organismo social; e, ainda, como se articulam ao longo dos documentos da gênese da obra, no caso, para as obras que constituem a mostra *O Encantado* – ponta de um *iceberg* evidenciado numa exposição acessível ao público no geral tanto fisicamente no espaço expositivo, quanto virtualmente por meio das mediações possíveis evidenciadas pelas mídias interativas contemporâneas.

Partimos do pressuposto de que as investigações do processo de Colnago levaram:

- 1) ao contexto psicossocial da comunicação;
- 2) à relação das *imagens* dos fenômenos do mundo sensível com a mente criadora que permite ao “leitor” compartilhar os esquemas mentais do ato de criação;
- e 3) ao compartilhamento das

relações do homem com os fenômenos sensíveis. Esses fenômenos, tomados por um procedimento que pretende aproximar as sensações do público e do artista, tentam evidenciar como elas aparecem à mente do público e causam-lhe um efeito que gera movimento: mediação, ou no caso de Colnago, seria melhor dizer “mediações” – tamanha a rede de significações que se estabelecem a partir de sua obra. É no conceito dessas “redes de mediação” que se propõe um novo modo de interposição ao equivoque de mediadores e mostra, estendendo essa mediação aos aspectos do processo criador e da mente do artista no ato propositivo da obra, disponibilizando mais uma leitura do que se põe para além do que se coloca aos sentidos do público.

Assim, a estratégia do uso de QR codes e a tecnologia dos smartphones ou outros tipos de aparelhos de mídia portáteis, foi utilizada para promover e testar outros modos de leitura e mediação. Nesse ato de mediação e "leitura" do público, podemos lembrar a Giselle Beiguelman que tem se referido aos QR codes como "a primeira forma de escrita desenvolvida pra leitores nômades" (2013, p. 149), referindo-se a tendência crescente do uso de dispositivos portáteis que em nossa experiência serviram como suporte para a mediação. O público, na mostra de Colnago, é provocado a se colocar como errante nesses espaços para além do espaço físico da obra.

### **Experiências híbridas e signos intersubjetivos na obra e processo de Colnago**

Um olhar para os modos de mediação de Colnago com seu próprio processo e referentes da tradição das artes pode facilitar o entendimento dos modos da proposição realizada. Pode-se pensar que Colnago intervém no modo como aos objetos colocados aos sentidos são percebidos: no seu processo criativo coabitam o tradicional e o estranho, o natural e o imaginário, o atual e o virtual (não no sentido do ciberespaço, mas naquele primeiro da imaginação e da fantasia que nos assola e consola os desejos); em seu projeto poético coabitam as dualidades e o hibridismo. Suas formas resultam de convenções com maior ou menor fixidez e falibilidade, dependendo de um conjunto de variáveis psicológicas, sociais e culturais que toma ao longo do processo de construção de cada obra.



A comunicação se dá, então, a partir da circulação desses signos intersubjetivos, os quais só podem combinar com outros signos de modo mais ou menos limitado ou reconhecível, estabelecendo-se como um ato inerente à comunicação humana, e resultam em uma obra que forma um conjunto polissêmico que conduz à diversidade infinita de compreensões desse fenômeno que é a vida cotidiana tomada pelo prisma dos interiores, pois Atílio fala da dialética dos interiores. Mas, também de um ponto em comum, pelo menos da ideia de que existe um processo de transmissão e armazenamento de algum tipo de informação compartilhada por ele e por aqueles que se colocam frente a frente com sua obra: seja numa mediação da cultura local, seja no chamado que faz da cultura mundial ao evocar para si em suas obras ecos da história da arte (fig. 4).



Informações contidas na mediação com QR code que mostram a construção de uma obra híbrida repleta de signos intersubjetivos  
Fonte: site da exposição

Definitivamente, não é uma comunicação unilateral. Colnago parece construir uma congruência entre o emissor (o artista e ou os signos presentes em sua obra) e a interpretação do receptor (público), bem como parece haver uma intencionalidade em seu projeto poético, uma tentativa consciente, de influenciar o receptor por meio de uma mensagem subliminar, que se põem para além das formas exibidas. Em Colnago há todo um outro universo que se constitui em paralelo à sua obra – ao qual, as tecnologias contemporâneas nos permitem acessar, ou pelo menos apontar

alguns desses labirintos por onde sua mente se enveredou ao produzir uma obra ou o conjunto delas, como no caso desta mostra em específico.

E nesse ato de interação com o receptor as mediação das novas tecnologias atuam com um papel esclarecedor da mensagem e processos do artistas, no qual os QR codes torna os nossos dispositivos portáteis em "um controle remoto de cidades interativas, um órgão de visualização do que os olhos não veem, uma evidência do processo de imbricação do virtual no real" (BEIGUELMAN, 2013, p. 151).

As possibilidades oferecidas pelas redes digitais de hoje, representam uma sobrevivência da memória comunicativa do artista, além de um desdobramento da sua obra em nosso presente, supõem neste estado de sobrevivência, uma presença quase imortal e eterna que transcende a experiência atual do seu trabalho em um tempo definido e fechado, e consegue uma durabilidade que ultrapassa o tempo do artista, além de nosso tempo presente, como um legado para as gerações futuras através do médio digital. Memórias culturais em construção.

A ideia do ciberespaço como um repositório da memória cultural, é mostrada no pensamento de Pierre Lévy, quando fala dele como o lugar no qual a memória dos homens se expande e se mostra para tudo o conjunto da sociedade:

Eis o ciberespaço, a pululação de suas comunidades, a ramificação entrelaçada de suas obras, como se toda a memória dos homens se desdobrasse no instante: um imenso ato de inteligência coletiva sincrônica, convergindo para o presente, clarão silencioso, divergente, explodindo como uma ramificação de neurônios. (1999, p. 260)

A presença digital nessa mostra de Conalço pôde estabelecer, ou ampliar, a rede de informações contida no processo de cada obra e nos processo de mediação do espaço expositivo. Na mostra, o meio digital se colocou como uma possibilidade para ampliar as relações de mediação que se pode considerar interativa, atendendo a uma informação compartilhada, neste caso, a obra que vai desafiando-se conforme as eleições do emissor e do receptor que interatuam, obtendo a participação do público na memória do artista, dando entidade ao seu trabalho. Quando,

apresentadas e reconhecidas, essas mediações vão tornando presente o trabalho criativo do artista e revelam os diálogos com a memória cultural do ocidente.

### **A transposição digital no *diálogo cultural* do artista**

Mas não é apenas uma relação estabelecida entre o artista, sua obra, e o público, mas também tem que atender à comunicação entre o mesmo público como parte de sua participação, dado que a experiência vivida frente a obra de arte é desfrutada em muitos sentidos, desfruta-se no tempo da experiência estética ou no momento posterior à mesma como uma lembrança no tempo que aparece novamente. A este respeito, o digital atua como uma presença etérea fora do espaço de exposição, o espaço sagrado, onde a obra da arte assume materialidade.

Assim, o educativo pressuposto na mostra *O Encantado* revela em si a existência de uma intenção: compartilhar a intencionalidade do artista que busca afetar a mente do receptor (ele mesmo e o público), estabelecendo níveis de interação que circunscrevem os diferentes sujeitos, os quais são intencionalmente ampliados com o uso, na mostra, de recursos de mediação digital como apoio ampliado ao projeto educativo da mostra. Assim, o uso das TIC's, e em especial dos QR codes buscam compartilhar os diferentes diálogos presentes na obra e no processo criativo do artista com aqueles que permitem que o público estabelece uma relação significativa com a obra e com o artista.

Na obra do artista Attilio Colnago podemos perceber três níveis de mediação: a *intrapessoal*, a *interpessoal* e a *cultural*. No diálogo interno do artista consigo mesmo, durante o processo gerador da obra, revela-se a *comunicação intrapessoal*. O *diálogo interpessoal*, arquiteta-se na interlocução com o outro e se dá por meio do compartilhamento e da análise dos documentos decorrentes desse processo criador, os seus *cadernos de artista*, Colnago compartilha com seus leitores íntimos, pessoas que coabitam sua intimidade e com as quais debate o trabalho em curso, revê, ao ouvir sua própria fala, processos e decisões, redireciona seu percurso. Como desdobramento desse ato comunicacional interpessoal, uma nova visão da obra do artista poderá ser colocada ao público, acrescentando um novo prisma de interação deste com a obra de arte.

Assim, estes códigos agem como intermediários entre o real e o virtual, pontes de mediação da obra com a cultura, com a memória coletiva compartilhada, mostrando uma transposição digital do esforço dialógico do artista, um diálogo que se estabelece ao longo de um percurso estabelecido no projeto curatorial da mostra e que se expande pelo ciberespaço, provocando no público um movimento errante em busca de outras mediações provocadas pela obra, a partir dos QR codes.

O *diálogo cultural*, que congrega as estruturas do organismo social e suas tradições, talvez seja uma das mais expressivas formas de comunicação expressas nas obras de Atílio Colnago – potencializadas nesta mostra por meio de interações digitais dos chamados QR Codes. Parece que expressa-se em sua obra a conjunção do seu imaginário com o de seus mediadores. Uma obra híbrida começa a estruturar-se, não apenas na ambiguidade de desejos e fantasias contidas, mas principalmente na sua capacidade de evocar aquilo que constitui o outro e seu arcabouço pessoal. Colnago dialoga com a cultura de seu tempo. Dialoga com o passado das artes. Dialoga com a tradição da manufatura, dos ofícios e mesmo das guildas medievais. Lança mão do que seja necessário para construir, tão eficazmente, uma obra que revela a maturidade poética deste artista. Lança mão, sobretudo, de sua capacidade de ativar a memória de tudo o que lhe constitui, e habilmente daquilo que tangencia o compartilhamento com o outro.

Em alguns momentos, poderíamos considerar que ele toma para si uma tendência citacionista: se coloca, como aponta Tadeu Chiarelli, em busca de trabalhar com imagens de segunda geração – aquelas que são apropriadas de algum tempo cultural, são analisadas e transformadas. Resignificadas, porém, em um novo contexto estético ele as transcria.<sup>2</sup> Revela-se o onírico e o sensual em sua obra. O citacionismo em Colnago toma objetos da imigração italiana no solo capixaba, do imaginário arquitetônico do estado, das técnicas construtivas, das práticas culturais do interior; assim como o faz a partir de sua coleção de objetos do ateliê – o qual invade-lhe a obra constantemente. Mas, mais forte que essa contaminação memorialística de cunho afetivo e pessoal, Colnago dialoga com a história das artes: busca em seus heróis estéticos, de imagens geradoras. Recortes estéticos que

reativam a memória coletiva compartilhada pela humanidade. Entregam-se ao público os elementos dessa interação.

### **Considerações finais**

As mediações tecnológicas utilizando códigos QR permitiram completar a narrativa da obra de arte, ampliando os conteúdos que pertencem à memória cultural do artista, e estabelecendo um espaço de exposição infinito através do ciberespaço, perpetuando assim a mensagem intrínseca e comunicadora da arte, e ampliando o papel mediador da arte na cultura. Questões que parecem afetas aos novos procedimentos de mediação nos projetos educativos de museus, galerias e outros espaços expositivos.

Assim, a obra de Colnago parece ter a capacidade de estabelecer-se a partir de fenômenos recortados do contexto cultural. Esse diálogo cultural é híbrido. É em si intertextual, é sincrético, é múltiplo, polifônico e orgânico. A cultura, como interlocução é mediação de diferentes linguagens. Assim, o vivido deste artista é reoperado a partir da matriz conceitual impressa na sua memória: o fato, abstraído de sua forma material, deixando marcas de sua ação as quais se expressam em reflexões conceituais e/ou formais do artista.

Tendo em consideração estas ideias sobre a memória do ciberespaço, a experiência com os QR codes no espaço expositivo, justifica-se além do simples uso de um recurso museográfico vanguardista. Assim, na obra de Attilio Colnago, há inumeráveis referências que aludem à memória cultural em muitos aspectos, seja através dos grandes mestres da história da arte, como a experiência pessoal do artista..., elementos estes, que formaram parte na consecução da obra. Desta forma, o conhecimento desta e a leitura da mensagem comunicadora do artista, torna-se essencial uma mediação que permita a correta conexão com o público além da própria experiência estética.

Essas marcas são capazes de nos levar à contextos mais amplos, embora não possamos entrar na mente do artista. Assim, podemos tomar como instrumento dessa ativação os processos tecnológicos da contemporaneidade, os quais



permitem que toda uma rede de relações possa ser reconectada, operada como chaves que nos aproximam das artimanhas dessa mente criadora em ato.

## Notas

<sup>1</sup> QR Code: é um código de barras bidimensional para ser usado a partir de telefones celulares equipados com câmera. Esse código é convertido em texto (interativo), um endereço URL, um número de telefone, uma localização georreferenciada, um e-mail, um contato ou um SMS, enfim, esse código remete a informações para além de si, permitindo uma interatividade que amplia a informação sobre o local ou objeto no qual está aplicado.

<sup>2</sup> A tradução é muito mais do que transportar o texto de um idioma para outro. Elementos da estrutura, como o ritmo e as combinações sonoras, são muitas vezes mais importantes do que a semântica das palavras. Por isso, não basta traduzir o sentido as palavras: é preciso recriar o texto, restituir sua estrutura original em outro idioma. A tradução vira assim uma "transcrição", nesta concepção de Haroldo de Campos.

## Referências

BARROS, Paulo de (org.). *"O encantado" desenhos, pinturas e objetos de Attilio Colnago*. Catálogo da mostra. 2014.

BEIGUELMAN, Giselle. Arte pós-virtual: Criação e agenciamento no tempo da Internet das Coisas e da próxima natureza. In: PESSOA, Fernando. *Cyber-arte-cultura – A trama das redes. Seminários Internacionais Museu Vale 2013*. Vila Velha: Museu Vale, 2013, p. 147 - 171.

CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. *A operação do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

\_\_\_\_\_. Tradução, ideologia e história. In: *Cadernos do MAM*, Rio de Janeiro, n., dez. 1983.

KRISTEVA, Julia. *História da Linguagem*. São Paulo: Edições 70, 1999.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

PESSOTI, Alda Luiza. *Sebastianus: pinturas de Attilio Colnago*. Vitória: EDUFES, 2010.

SANTAELLA, Lucia. Transcriar, transluzir, transluciferar: a teoria da tradução de Haroldo de Campos. In: MOTTA, Leda Tenório da. *Céu acima: para um tombeau de Haroldo de Campos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

## David Ruiz Torres

Doutor em História da Arte (2013) pela Universidade de Granada, Espanha. É pesquisador e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Possui graduação em História da Arte (2008), e graduação em História (2009), pela Universidade de Granada (Espanha), assim como mestrado em Conhecimento e Tutela do Patrimônio Histórico (2011), e mestrado em Museologia (2012) pela mesma

universidade. Bolsista do Programa Nacional de Pós-doutorado da CAPES (PNPD/CAPES). Em suas pesquisas, dedica-se às mediações das novas tecnologias nos espaços culturais e experiências na criação artística.

**José Cirillo**

É pesquisador, professor permanente do Programa de Mestrado em Artes da UFES e artista plástico. Possui graduação em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia (1990), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (1999) e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais e Teorias e História da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: artes plásticas contemporâneas (em especial no Espírito Santo), escultura, arte pública e teoria do processo de criação. Desenvolve pesquisas com apoio da CAPES, FAPES e CNPQ.